

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

**DO ESCRITOR AO LEITOR:
bastidores da produção e circulação de livros**

Larissa Frossard*
Mestranda em Educação (UERJ)

Resumo:

Neste trabalho são analisadas as obras de Antônio Alvarez Parada, educador, pioneiro em pesquisas históricas na cidade de Macaé, mantendo um diálogo constante com alguns dos documentos que integram seu arquivo pessoal. A análise dos documentos nos permitiu examinar o processo de produção e circulação de seus livros, entendendo que, além de autor, constituiu-se em editor, divulgador e distribuidor dos mesmos. Escolhemo-lo porque foi um dos importantes personagens da história da cidade e seus livros se constituem em suportes físicos da memória, resultado de experiências vividas e de realidades pesquisadas.

Palavras-chave:

Livro, autor, editor, memória.

Corpo do trabalho:

Educador, pesquisador e escritor. Primogênito de imigrantes espanhóis que se instalaram em Macaé em atividade comercial, Antônio Alvarez Parada foi pioneiro em pesquisas históricas desta cidade. Suas obras estão preservadas em seu arquivo pessoal repleto de documentos que permitem examinar o processo de produção e circulação de seus livros, entendendo que, além de autor, constituiu-se em editor, divulgador e distribuidor deles.

Antônio Alvarez Parada era professor, o professor *Tonito* ou professor *Parada*, como era e é conhecido por todos. Macaense, nascido em 27 de dezembro de 1925, lecionou química, física, espanhol e matemática no Colégio Macaense, no Colégio Estadual Luiz Reid e no SENAI, onde também foi diretor. Na época, o único professor de química da cidade. Recebeu a medalha do Mérito Municipal de Macaé e título de Benemérito do Estado do Rio de Janeiro. Foi membro fundador da Academia Macaense de Letras. É, pois, na atividade de pesquisador

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ - Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História. Professora da Universidade Candido Mendes e Orientadora Pedagógica da Prefeitura Municipal de Macaé. E-mail: lfr@lagosnet.com.br

das histórias de Macaé que tem origem a maior parte de suas obras, já que apenas um dos seus seis livros publicados não faz referência à cidade.

Tonito não se considerava um historiador. Antes da dedicatória atribuída às *crianças macaenses de hoje e amanhã* em seu último livro publicado em vida, *Meu nome, crianças, é Macaé* (1983), o autor esclarece poeticamente os motivos pelos quais poderia ser considerado não um historiador, mas um contador das histórias de Macaé:

A impossibilidade que tenho, por falta de conhecimentos mais profundos, de escrever algo realmente digno do título História de Macaé, sempre deixou-me sem poder atender a sugestões nesse sentido. Sugestões partidas de amigos e de leitores das várias coisas que, sobre o passado de minha terra, venho escrevendo, há anos em livros e jornais. Sempre procurei, entretanto, contornar aquela impossibilidade. Se não podia escrever uma História de Macaé, o jeito era contar histórias de Macaé.

O historiador Dácio Lôbo Júnior (1990), confirma o viés de contador de histórias, considerando as obras do professor *Tonito* como fontes importantes que permitiram o trabalho de resgate histórico da cidade: “*Um dos maiores pilares desta bibliografia, o professor Antônio Alvarez Parada costumava definir-se muito mais como um contador de histórias do que, propriamente, um historiador, o que atesta o limite teórico de suas preciosas obras*” (p. 9).

Sua interferência no mundo da educação e da cultura na cidade de Macaé tem tamanha importância, que grande parte do arquivo e da documentação histórica do município está sendo organizada, para constituir o acervo do Centro de Memória Antônio Alvarez Parada, integrado à Fundação Macaé de Cultura. Atualmente está sendo restaurado o conjunto arquitetônico Solar dos Melo, parte do patrimônio histórico de Macaé, onde funcionará este centro. As homenagens a *Tonito* aparecem ainda no nome dado à uma escola municipal e da principal banda musical de estudantes da cidade. Recentemente, em 1º de maio de 2004, foi inaugurada a Incubadora de Cooperativas Professor Tonito Parada, uma instituição social que oferece oficinas de aprendizagem a pessoas que estão em busca de qualificação profissional. Por ter sido um dos principais educadores da Escola do SENAI, foi mais uma vez lembrado e homenageado.

Portanto, *Tonito* tinha um pouco de historiador, um pouco de filósofo, um homem da cultura, que tinha uma preocupação social com a educação, na medida em que seus escritos evidenciam uma determinada concepção de mundo, que revelam uma compreensão da realidade social. Enquanto escreve, ele vai, de certa forma construindo a memória da cidade. Memória que cruza as diversas forças, como presente e passado, espaços e tempos, registro e invenção, público e privado, lembrança e esquecimento, na perspectiva do historiador Jacques

Le Goff (1984), que destaca que o esquecimento é parte fundamental da memória, pois constitui a dualidade de uma ação. Quem lembra, também esquece, pois memória é também escolha, é seleção. Na maioria das vezes, o que vai ser lembrado se sobrepõe ao que vai ser esquecido. Que imagem ele desejaria construir de Macaé? Como seus escritos evidenciam a construção da identidade da cidade? E por que escolheu a história de Macaé? O que pretendia deixar registrado? A quem se destinaram seus escritos? Suas publicações são expressivas? Estas questões são importantes, mas não serão respondidas neste texto. Aqui pretende-se investigar, a partir de seu arquivo pessoal, como ele escreveu, publicou e divulgou a sua obra. Para isto, procura-se em seus papéis, anotações referentes à produção de seus livros, inventariando as editoras e até mesmo dedicatórias e agradecimentos impressos nos mesmos.

SEU PRECIOSO ACERVO: O ESCRITÓRIO

Tonito cultivou toda a sua vida em um arquivo de proporções impressionantes que sua esposa, Maria Bernadete Castro Alvarez, Dona Detinha, conserva intacto em seu antigo escritório, na casa onde residiam, nesta cidade. Ele acabou deixando para ela a tarefa de continuar a sua história, interrompida em 15 de março de 1986, data de sua morte. Podemos classificá-lo, de acordo com Pierre Nora (1977), como um *lugar de memória*.

Um arquivo particular resulta de uma prática íntima. Philippe Artières (1998) observou que, sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não. Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Para ele, arquivar a própria vida é definitivamente, uma maneira de publicar a própria vida é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte. Ana Chrystina Venancio Mignot, no estudo do arquivo pessoal de Armanda Álvaro Alberto, conceitua arquivos pessoais como “*extensões do próprio titular, indicando o caminho, o percurso e os desvios de uma trajetória. Sua produção envolve censura, supressão, interdição e triagem. Arquivar é guardar, mas é também esconder*” (2000 p.124). Atributos que ligam a memória ao esquecimento. O que teria levado então, o professor a selecionar, classificar, recortar e organizar um arquivo? O que pretendeu lembrar ou esquecer? São questões importantes que se colocam frente à documentação deixada pelo educador e que supostamente estão relacionadas diretamente às suas obras.

Os relatos orais de Dona Detinha ¹ ganham uma força surpreendente enquanto nos indicam os sentidos possíveis de cada objeto ali conservado. Seu arquivo é composto de cartões, cartas, discursos, bilhetes, crônicas, fotografias, livro-caixa, álbuns de recortes de jornais, telegramas, certificados, títulos, objetos-reliquia... São fragmentos reveladores do seu cotidiano de professor, de escritor, de marido, de um eterno contador e pesquisador da história de Macaé. Tudo compõe um acervo que revela sua forma de ver o mundo e do trabalho de educador. E é ela quem bem traduz a obra e a vida do professor *Tonito*: “*Tonito é público, é meu marido, mas é patrimônio de Macaé... e se guardou tanto, é porque tem importância*”. Ao manusear os documentos presentes em seu escritório constato a relevância de cada um deles para a história desta cidade.

ESCREVER, PUBLICAR E DIVULGAR SUAS OBRAS

Tonito não só recolhia, classificava e guardava papéis, ele também escrevia. Seus livros são resultado de suas experiências e de suas pesquisas, apresentando textos interessantes que trazem fatos importantes da história de Macaé. Enquanto narra pessoas, coisas, fatos e eventos, estabelece o que tem e o que não tem estatuto de realidade. Os livros deste autor são: *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958), *ABC de Macaé* (1963), *Pesquisa de Anion e Cations*² (1968), *Histórias da Velha Macaé* (1980), *Imagem da Macaé Antiga* (1982) e *Meu nome, crianças, é Macaé* (1983). Dois livros foram editados após a sua morte: *Histórias Curtas e Antigas de Macaé* (1995), onde estão reunidas em torno de mil crônicas em dois volumes, textos originalmente publicados no Jornal *O Debate*, no período de 1978 a 1985. É também de sua autoria o *Hino do Sesquicentenário de Macaé* (1963), escrito na ocasião do aniversário de cento e cinquenta anos da cidade, com a música do pianista Lucas Vieira, que passou a ser o Hino oficial do município.



Ele utilizava sua máquina de escrever para datilografar tudo que produzia: as atividades para seus alunos que posteriormente seriam mimeografadas, os discursos que proferia, as crônicas das colunas dos jornais da cidade em que escrevia e seus livros. Podemos dizer que sua máquina de escrever era a maior

¹ Entrevista exploratória realizada em 19 de junho de 2003 com Dona Detinha, viúva do Professor Tonito. Máquina de escrever

² Única obra que não faz referência a Macaé. *Pesquisa de Anion e Cations: práticas de química*. São Paulo: Edição da Livraria Nobel S/A, 1968 (esgotado).

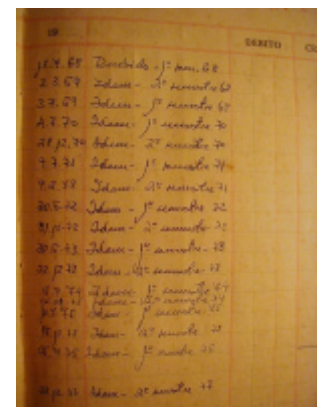
companheira na produção de seus escritos. Encontramos curiosamente em seu arquivo, um singelo bilhete à sua esposa da época em que acabara de comprar sua máquina, dedicando-lhe sua primeira batida.

Uma parte de sua obra foi financiada por ele mesmo. Morando em Macaé, uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, na época com poucas possibilidades de acesso ao mundo editorial, provavelmente teve muito trabalho para fazer com que seus livros chegassem aos leitores. Suas três primeiras obras não contaram com o apoio financeiro de nenhuma instituição, é o que se constata nas dedicatórias e agradecimentos impressos nos livros. Só a partir da quarta publicação que se tem referência ao apoio da Prefeitura Municipal de Macaé e da Petróleo Brasileiro S. A., muito tempo depois. No início de *Histórias da Velha Macaé* o autor inicia a apresentação de seu trabalho demonstrando este fato: “*Vinte e dois anos após a primeira, dezessete depois da segunda, aqui estou com outra obra sobre o passado de minha terra*” (1980, p.9). Estas palavras, de certa forma, justificam uma das dificuldades que ele tinha para publicar o que escrevia: a financeira. No mesmo texto, faz agradecimentos ao Dr. Moacyr Santos, pelo fornecimento das fontes, que posteriormente foram microfilmadas pela Biblioteca Nacional e, desta maneira, estão disponíveis como fontes de pesquisa:

Minha enorme gratidão a todos aqueles de quem obtive subsídios para a feita destas páginas. Os quais consubstancio, por dever de justiça, na pessoa de Dr. Moacyr Santos, cuja espontânea e gentil doação de preciosas coleções de jornais macaenses do século passado foi a mais valiosa das fontes de que se hauriu este meu trabalho (1980, p.9).

Em seu arquivo encontramos um livro-caixa, onde se têm os registros manuscritos dos gastos com dois de seus livros, identificadas todas as ações, até a publicação e venda dos mesmos. É um caderno de capa dura, escuro, encapado por ele mesmo com um plástico transparente, com listras grossas prateadas, que ao fundo se lê: CONTAS CORRENTES. Neste livro, as páginas são numeradas, com lugares específicos para as datas, as ações a serem empreendidas, os débitos e os créditos a serem calculados. Curiosamente os registros têm início na página 21, evidenciando uma descontinuidade. Não se sabe se ele arrancou as páginas propositalmente para ocultar algum tipo de informação ou se aproveitou o livro que anteriormente foi utilizado para um outro fim.

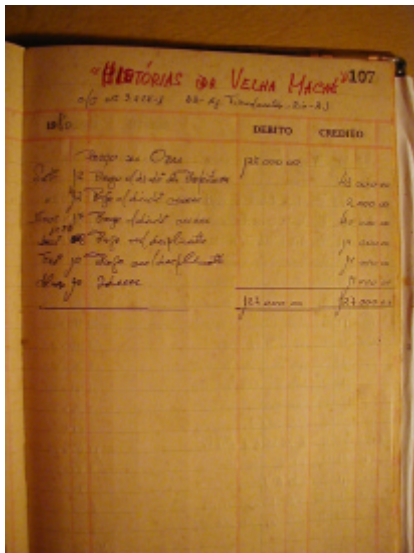
A primeira obra de que se tem registro neste livro-caixa é *Pesquisa de Anions e Cations* (1968), editado pela Livraria Nobel S/A, A Casa das Apostilas, em São Paulo, única obra do autor que



não faz referência à cidade. Um ex-aluno, ao conceder uma entrevista³, relatou:

Ele era nosso professor de Química. Como não tinha uma obra única que tratasse dos assuntos que ele considerava importante que nós soubéssemos sobre anions e cations... nada o agradava... dessa forma, ele chegou a conclusão que seria mais viável editar um livro onde os alunos tivessem um custo baixo e que atendesse às necessidades dele enquanto professor. Ele fez um apanhado, reuniu os assuntos mais relevantes em relação a este assunto e editou o livro. Ele se preocupava muito em nos preparar bem para os concursos.

Desta forma, o professor viajou para São Paulo, apreçou a obra, anotou todas as despesas e dividiu o valor pelo número de livros editados, vendendo-os aos alunos. Sem objetivar lucro, a edição foi feita para que se tivesse um material que atendesse as suas necessidades enquanto professor. Em uma página do livro-caixa têm-se os registros, semestralmente, do que foi recebido dos alunos, em diferentes épocas, evidenciando que, durante nove anos, ele utilizou este material, de 1968 a 1977.



Conta Corrente - Arquivo

A segunda obra de que se tem registro neste documento é *Histórias da Velha Macaé* (1980), que teve o apoio financeiro da prefeitura para a publicação, mas ainda com uma parte custeada por ele. Na página 107, encontramos o registro do valor total da obra com os valores parcelados do que coube a cada um arcar. Nas páginas seguintes, 108 e 109, encontramos, datados e com valores especificados, os nomes das papelarias, locais e pessoas que vendiam os livros: Papelaria Fachada, Papelaria Majestic, Papelaria São João, Star, Vendas Avulsas, Banca, Jornaleiro, Prefeitura e M. Ipanema.

Nas anotações tem-se a referência a duas noites de autógrafos: uma, que não indica o local, mas que possivelmente foi realizada em Macaé e outra, que aconteceu em Niterói. Concluimos dessa maneira, que além de escrever ele publicava, fazia circular, vendia e recebia o valor correspondente a cada um dos exemplares. A diversidade dos locais de venda justifica a grande circulação e os valores anotados sinalizam um pequeno lucro.

³ Fernando Cláudio Frossard Rangel foi aluno do professor Tonito durante o científico, que cursou de 1967 a 1969, época em que o professor escreveu, editou e vendeu este livro. A entrevista foi realizada no dia 16/06/2004.

Ao analisar um folder que faz parte da publicação *Série Personalidades II* (1995), do Instituto Histórico e Geográfico de Macaé, escrito por Vilcson Gavinho e Regina Céli Silva, sócios fundadores deste instituto, pudemos identificar a quem *Tonito* se referia em seu livro-caixa quando colocou M. Ipanema. Supostamente fazia referência a Marcello de Ipanema, um dos professores que integrava o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que participou dos eventos onde *Tonito* proferiu duas palestras, convidado por Pedro Calmon: uma sobre o Barão de Monte Cedro e outra sobre o Conselheiro Almeida Pereira. Diz o encarte:

Encantando a todos pela fluência de seu discurso e pelo embasamento de seu texto, TONITO recebeu correspondência do professor Marcello de Ipanema, dizendo: Insisto com você que freqüente nossa casa, para o ingresso oficial” (1995).

Portanto, este livro-caixa pode ser identificado como um livro de contabilidade, que representa um dos gêneros da escrita privada onde se anota o necessário a fim de se manter controle sobre os gastos, ou seja, uma forma de registrar o que se recebe e o que se gasta. É um tipo de documento marcado pela individualidade de seu autor e que denota características do mesmo. No caso deste, existe uma riqueza de detalhes que reconstitui o espaço privado em sua relação imediata com a experiência vivida. Assim, constatamos também a presença da contabilidade doméstica que reúne viagens feitas pelo casal, reformas na casa onde residiam, inventários da família, entre outros, representando um importante documento para a análise de como se organizava a vida deste educador, objeto para um próximo estudo.

Outra prática comum era anotar, em letra manuscrita, em pequenos cadernos, os eventos que também participava. Na ocasião do sesquicentenário da cidade, organizou uma caderneta vermelha com todos os eventos que a cidade programou para o mês do aniversário: julho. Na caderneta encontramos, em cada página, com letras cuidadosamente desenhadas por ele, os títulos de cada evento, com as assinaturas de ilustres participantes.

Podemos dizer que ele organizou um caderno de presenças, um livro de autógrafos, e em cada linha vinha abaixo o nome completo dos convidados, para que pudéssemos posteriormente identificá-los. E foram muitas as comemorações, dentre as quais podemos destacar: Baile de Gala de Abertura dos Festejos, Oferta da Bandeira de Macaé à Prefeitura pela Escola Ferroviária de Imbetiba, Apresentação do Hino do Sesquicentenário de Macaé pela Lyra dos Conspiradores e SENAI, Lançamento do Livro ABC de Macaé, Instalação Oficial da Academia Macaense de Letras, Programa Radiofônico sobre a Vida e Música de Benedito Lacerda, Inauguração Oficial do Ginásio Roberval Pereira da Silva - Ypiranga, Sessão Cívica

Comemorativa do Sesquicentenário, Companhia Teatral Gracinda Freire, Inauguração do Novo Pavilhão do Colégio Estadual Luiz Reid, entre outros.



Caderneta - Arquivo

No dia do lançamento do livro *ABC de Macaé* (1963), registrado na data de 17 de julho de 1963, temos a assinatura do Prefeito Municipal, Antônio Curvelo Benjamin; do Presidente da Academia Macaense de Letras, Djalma da Silva Almeida; de seu afilhado e sobrinho, Cesáreo Alvarez Parada Junior; do Presidente da Câmara Municipal, Dr. Everest Salles; e do autor da capa do livro, Denildo R. de Siqueira. A primeira linha foi reservada à sua mãe, Artemia Parada Alvarez, mas não sabemos porque razão a mesma não assinou a caderneta.

Em todos os festejos temos assinaturas de pessoas de destaque na vida cultural e política da cidade. Algumas páginas estão em branco. Provavelmente a intenção dele era recolher todas as assinaturas, mas não foi possível. Um fato importante a ser ressaltado é que nesta comemoração, os *Meninos do SENAI* (*Tonito* se referia desta maneira quando falava de seus alunos do SENAI), foram os primeiros a cantar o hino de sua autoria, em homenagem aos cento e cinquenta anos da cidade.

Em seu arquivo ainda estão reunidas outras obras do autor, a serem publicadas: *Calendário Macaense* (jornal "O Rebate" – 1950), *Quem é quem nas ruas de Macaé* ("Jornal da Cidade" – 1978 - 1980), *Cartas da Província* (Jornal "O Fluminense" – 1977 - 1978), *Setenta Anos de Poesia em Macaé* (1860/1930 – 1979), *Palácio dos Urubus – Um breve histórico* ("Jornal Macaé" – 1980) e *A Sociedade Macaense* (1978). Tudo selecionado, organizado e arquivado pelo próprio *Tonito*. É Dona Detinha, sua esposa, quem conserva seu arquivo.

No capítulo final do último livro publicado em vida, *Meu nome, crianças é Macaé* (1983), intitulado de *MEU FUTURO*, o autor termina a narrativa:

Isso, crianças, depende de vocês. Vocês é que irão fazê-lo. E escrevê-lo, em continuação ao que fiz até aqui.
Para tanto aí está essa página em branco.
Boa sorte, crianças! Por mim e por vocês.

Suas palavras encerram as histórias deixando ao leitor a sugestão de continuar a tarefa por ele iniciada, de pesquisar e registrar os acontecimentos que marcam a história de um lugar.

Parecia que adivinhava que esta seria a última vez que presenciaria a publicação de um livro seu. Suas obras foram resultado de experiências vividas e de realidades pesquisadas, apresentando textos emocionantes que trazem fatos importantes da história de Macaé. Portanto, são expressivas, na medida em que são utilizadas como fontes de pesquisa para todos aqueles que quiserem ampliar a compreensão sobre a história da cidade.

Referências bibliográficas

- ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- GAVINHO, Vilcson; SILVA, Regina Céli. *Macaé, nossa terra, nossa gente: Antônio Alvarez Parada – Historiador*. Série Personalidades II. Instituto Histórico e Geográfico de Macaé, 1995.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Memória-História*. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. Enciclopédia Einaudi. Vol. 1
- LÔBO JR., Dácio Tavares et alii. *Macaé, síntese geo-histórica*. 100 Artes Publicações/ PMM, Rio de Janeiro, 1990.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Tereza Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000, p.p.123-143.
- NORA, Pierre. *A História Nova*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- PARADA, Antônio Alvarez. *Coisas e Gente da Velha Macaé: crônicas históricas*. Edição do autor. São Paulo: EDIGRAF, 1958. (esgotado).
- _____. *A B C de Macaé: guia informativo e turístico*. Edição do autor. Niterói: Gráfica Falcão Ltda, 1963. (esgotado).
- _____. *Histórias da Velha Macaé: crônicas históricas*. Edição do autor. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1980.
- _____. *Imagem da Macaé Antiga: texto e arquivo fotográfico*. Edição do autor. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1982.
- _____. *Meu nome, crianças, é Macaé*. Apoio Cultural da Petróleo Brasileiro S. A. PETROBRAS, 1983.